

LITERATURA E CAMPO ABERTO: A ERUDIÇÃO E O POPULAR EM CONTOS DE FUTEBOL ARGENTINOS

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar aspectos da literatura de futebol argentina sob o enfoque da legitimação e das disputas operadas no interior do campo literário que permitem o surgimento de novos horizontes de representação vinculados à cultura de massas. O futebol, enquanto um destes horizontes, apresenta-se como um destaque na produção literária argentina desde o século XX, orientando uma gama de escritores e escritoras, movidos pelo afeto em relação a um clube do coração, a traduzir literariamente a paixão pelo esporte ao mesmo tempo em que produzem um terreno representacional extremamente fértil para a análise dos expedientes culturais mais recentes da sociedade latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; literatura argentina; Roberto Fontanarrosa.

LITERATURE AND OPEN FIELD: ERUDITION AND POPULAR ASPECTS IN ARGENTINE FOOTBALL SHORT STORIES

ABSTRACT

This article aims to analyze aspects of Argentine football literature under the focus of legitimation and disputes within the literary field that allow the emergence of new horizons of representation linked to mass culture. Football, as one of these horizons, has been a highlight in Argentine literary production since the twentieth century, guiding a range of writers, moved by the affection towards a club of the heart, to translate literarily the sport passion for the game and, at the same time, to produce an extremely fertile representational ground for the analysis of the most recent cultural contexts of Latin American society.

KEYWORDS: Football; argentine literature; Roberto Fontanarrosa.

Vitor Lourenço¹

Na América Latina, o apego das massas ao futebol manifesta um forte traço cultural, evidenciando marcas específicas de sociabilidade e sensibilidade individual/coletiva. Em muitos casos, é difícil estabelecer um limite bem definido sobre as dimensões da influência do futebol na vida de sujeitos sociais. Em torno dele, atuando como um centro gravitacional, existe uma órbita de subjetividades e diferenças, envolvendo desde os mais pobres aos mais abastados, desde os mais apaixonados até os aparentemente desinteressados. O futebol como componente estrutural da cultura perpassa todas as esferas da sociedade,

¹ Mestre em Literaturas hispânicas pela UFRJ. Endereço eletrônico: vitorlrsalgado@gmail.com.

definindo espaços e práticas de acordo com seus sistemas simbólicos, expressando através da linguagem um universo que não se restringe ao estádio, mas que invade a casa aos domingos, promove ritualizações e a formação de grupos, penetra o ambiente do trabalho, cria ditados populares, instiga o entusiasmo na vida cotidiana, disponibiliza aos indivíduos a possibilidade de um vínculo com algo maior, mais concreto e próximo. Como esporte popular, ele se distanciou dos espaços intelectuais da sociedade, restringindo-se, muitas das vezes, às áreas da comunicação (radialismo e televisão) e do Estado (como elemento de coesão do sentimento nacional). Na contramão desse pensamento, Carlos Drummond de Andrade afirma em meio à vitória do Brasil na Copa de 1958:

Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização, de persistência, de resistência, de espírito associativo e de técnica. Indica valores morais e eugênicos, saúde de corpo e de espírito, poder de adaptação e de superação. Não se trata de esconder nossas carências, mas de mostrar como vêm sendo corrigidas, como se temperam com virtualidades que a educação irá desvendando, e de assinalar o avanço imenso que nossa gente vai alcançando na descoberta de si mesma. (2014, p. 25)

Disputada na Suécia, a Copa de 1958 representou um abalo entre as perspectivas eurocêntricas e as latino-americanas. Os europeus desenvolvidos se depararam com um estilo de jogo mais fluído e artístico, praticado pela seleção brasileira de Pelé e Garrincha, um futebol completamente distinto daquele marcado por altos níveis de organização sistêmica das equipes europeias. Para Drummond, o futebol servia como esse espaço simbólico em que se revelavam as capacidades brasileiras de vencer frente aos contextos de subdesenvolvimento. Mais do que isso, o futebol fornecia ao povo uma via inteligível para a compreensão da própria identidade brasileira. O valor simbólico da partida se situava nas características da seleção e de seus principais jogadores, nos domínios particulares da técnica com a bola que, no gramado, significava o controle do jogo, mas lidos desde outras esferas sociais representava o potencial de supremacia brasileira diante das carências sociais.

Drummond já atentava para a leitura do jogo como algo que vai para além de seus próprios limites, um constructo social complexo que, na cultura, desempenha um papel determinante na formação identitária de sujeitos e grupos, ressaltando-se assim a inteligibilidade do mundo através das lentes do futebol.

Para além das questões nacionais, as sensibilidades afloradas pelo esporte atingem o dia-a-dia de indivíduos. Um trecho de Hilário Franco Jr. relembra uma passagem em que Vinícius de Moraes:

afirmou certa vez que, “no Rio, a formação da identidade passa, também, pela eleição de um time de futebol”. O poeta, fiel à sua infância, escolhe o Botafogo de Futebol e Regatas. Não frequenta os estádios. Não lê o noticiário esportivo. Não ouve as transmissões pelo rádio. Mas, se perguntam seu time, afirma: “Botafogo”. Não se trata de uma paixão, mas de uma *senha para a cidadania*. (FRANCO JR., 2007, p. 210, grifo nosso)

As identidades produzidas a partir do futebol não se constituem de modo isolado; elas convivem com aquelas mobilizadas pela nacionalidade, pelo trabalho, pela família, pelo consumo etc. Mesmo quando a paixão pelo futebol ou pelo clube não faz parte da vida de uma pessoa, o reconhecimento social do indivíduo nas circunstâncias da vida prática no contextos latino-americanos depende, em certa medida, da escolha de um time. O futebol reúne uma diversidade de códigos e costumes aplicáveis às rotinas sociais. A frase “não torço para nenhum time” gera, por vezes, uma espécie de barreira empática em relação ao enunciador, aparentando não estar integrado à lógica comum do futebol que agrega milhares de afiliados. Os signos provenientes dessas relações orientam modos de interação intersubjetiva, construindo identidades tanto de torcedores (contínuas e extensivas) quanto de não-torcedores (descontínuas e circunstanciais).

Nessa medida, dois grandes poetas brasileiros ajudam a subverter a concepção despolitizada e socialmente cínica que orientou grande parte das leituras sobre o futebol no século XX, isto é, aquelas em que o esporte vigora como puro entretenimento ou como elemento de encanto alienante das massas.

Os desencontros entre a esfera intelectual (crítico-acadêmica) e o futebol não são recentes. Eduardo Galeano anota: “La mayoría de los escritores de América Latina somos futbolistas frustrados” (GALEANO, 1995, p. 7). A curta proposição do escritor uruguaio sinaliza direta e indiretamente alguns pontos fundamentais relacionados à postura do escritor e do intelectual diante de um tema que ainda está em vias de legitimação no campo literário.

Frente ao contexto latino-americano, podemos afirmar que dificilmente as sensibilidades individuais e coletivas conseguem evitar a interpelação das dinâmicas que envolvem o jogo. Seja pelo mergulho radical na paixão pelo esporte ou, por outro lado, pelo fato de qualquer indivíduo já estar imerso em um meio social no qual o futebol atua

perenemente, o poder simbólico das trocas realizadas entre os sujeitos (torcedores e não-torcedores) exprime e, ao mesmo tempo, ajuda a estruturar costumes, valores e rituais na vida prática. O futebol invade a vida dos indivíduos desde muito cedo. Muitas das vezes não se trata de uma escolha, principalmente para os meninos, nos quais o futebol funciona como um mecanismo de construção de masculinidades (Cf. ARCHETTI, 2003) e elemento gregário na formação de grupos de amigos. Além de ser uma atividade comum durante a infância, o futebol em diversos contextos atua como o articulador central do contato interrelacional entre os indivíduos. Desde o gramado até as arquibancadas, jovens, homens, mulheres, familiares interagem por intermédio de uma partida disputada entre jogadores profissionais ou pelos próprios filhos e amigos.

Por mais que exista o estigma anacrônico de um rechaço intelectual pelo esporte de massas, reforçado pela força de manipulação política e pela violência praticada nos estádios, o escritor e o intelectual não estão isentos de serem interpelados pelas teias de sentido do mundo da bola. Galeano sinaliza uma realidade muito comum na América latina, que demonstra a formação de sujeitos orientada por um imaginário coletivo desenvolvido a partir do futebol. E, assim, afirma que, na América Latina, a profissão de escritor não se separa das experiências construídas durante a vida pelo esporte. Mais ainda, ele expande na literatura a possibilidade de criação de um novo modelo de escritor, que irá representar outros tipos de sujeitos e, da mesma forma, irá representar-se enquanto uma outra espécie de escritor.

A aproximação entre literatura e futebol se projetou como uma das vias de transformação dos esquemas da tradição literária clássica. A imagem dominante do escritor, como um ser recluso, distante observador do mundo, passa a conviver com a ideia de um literato que transita entre as massas, que tira suas histórias do mundo simples das arquibancadas ou de uma simples partida entre clubes de várzea, constrói narrativas atravessadas pela experiência do torcedor anônimo ou pelas práticas do jogador mais bizonho. Um escritor que não esconde a identificação com os homens comuns com suas paixões e valores partilhados dentro desta verdadeira família que é a torcida.

A formação da literatura de futebol na América Latina passa por autores como o tucumano Pablo Rojas Paz, conhecido como “El Negro de las tribunas”, que já nos anos de 1930 se destacava com suas crônicas esportivas; pelos uruguaios Mario Benedetti, Horacio Quiroga e o já mencionado Eduardo Galeano; mexicanos como o narrador contemporâneo Juan Villoro; e até mesmo por nomes hoje canônicos como Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares. No quadro argentino, o principal avanço nas produções se deu, a partir da década de

1970, com a investida de Roberto Fontanarrosa, Jorge Sasturain e Osvaldo Soriano. Outros nomes dessa mesma época, como Roberto Jorge Santoro, Mempo Giardinelli e Alejandro Dolina, darão impulso às produções futebolísticas e também passarão a incorporar o rol de grandes escritores da literatura de futebol argentina. A partir do século XXI, ela torna-se mais populosa, concentrando parte significativa da produção de referências da escrita contemporânea: Eduardo Sacheri, Alejandro Parisi, Gabriela Cabezón Cámara, Ana María Shúa, Martín Kohan, Esther Cross, Selva Almada e Mariana Henriques são alguns nomes em meio a uma legião e narradores que surgem do diálogo rico e complexo entre literatura e futebol.

Durante sua construção, o campo da literatura de futebol se colocou em disputa com a tradição canônica, estabelecendo trocas simbólicas que repercutiram na tensão entre o popular e o intelectual no âmbito da produção literária. Conforme afirma Pierre Bourdieu:

O campo de produção propriamente dito deriva sua estrutura específica da oposição – mais ou menos marcada conforme as esferas da vida intelectual e artística – que se estabelece entre, de um lado, o campo de produção erudita enquanto sistema que produz bens culturais (e os instrumentos de apropriação destes bens) objetivamente destinados (ao menos a curto prazo) a um público de produtores de bens culturais que também produzem para produtores de bens culturais e, de outro, o campo da indústria cultural especificamente organizado com vistas à produção de bens culturais destinados a não-produtores de bens culturais (“o grande público”) que podem ser recrutados tanto nas frações não-intelectuais das classes dominantes (“O público cultivado”) como nas demais classes sociais. (2015, p. 105)

Ainda hoje, podemos observar alguns conflitos na atmosfera intelectual para a legitimação do futebol como tema próprio à literatura, ainda que suavizados pela consolidação do campo por grandes autores. Trata-se de uma produção que está no limiar entre os polos que demarcam a hierarquia das posições no campo intelectual, que determinam a dignidade e o valor do tema diante da produção. A literatura de futebol pressupõe não só o embate, mas o encontro de diferentes técnicas narrativas, desde as crônicas desportivas e a narração das partidas até as mais sofisticadas estruturas literárias, assim como a convergência da tradição erudita com a cultura popular. Em grande medida, não é só o aumento da escrita de contos de futebol que o enaltece enquanto uma das alas pelas quais a literatura transita e discute. O trabalho de escritores e escritoras, já respaldados pela crítica e reconhecidos por suas obras, atua significativamente para a legitimação do futebol nos meios literários da crítica e da academia. Como diz Jacques Rancière, referindo-se à discussão benjaminiana sobre a obra de arte e sua reprodutibilidade técnica: “[...] para que um dado modo de fazer técnico – um uso

das palavras ou da câmera – seja qualificado como pertencendo à arte, é preciso primeiramente que seu tema o seja” (2009, p. 48). Em outras palavras, para que a produção vinculada à literatura de futebol seja legitimada, é necessário, primeiro, que o futebol o seja enquanto tema literário.

O POPULAR REPRESENTADO: ENCONTRO ENTRE TORCEDORES E A LITERATURA

Grande parte dos relatos produzidos pela literatura de futebol no século XX se colocava, principalmente, na posição de narrar a paixão de torcedores e as partidas em seus mais preciosos detalhes, isto é, o futebol como sujeito da narrativa. Mais à frente, já no século XXI, as narrativas englobariam discussões mais profundas, lidando diretamente com diferentes problemáticas sociais – subalternidade, problemas de gênero, xenofobia, disputas políticas nacionais e internacionais etc. –, caracterizando um uso do futebol como mediador alegórico em tais representações.

Fica evidente na postura de certos escritores a afiliação e as homenagens à paixão por um clube específico, como é o caso de Roberto Fontanarrosa, torcedor fanático do Rosário Central, ou Osvaldo Soriano, que expressa seu amor pelo San Lorenzo de Almagro.

A partir deste ponto, estaremos observando em alguns contos como o encontro entre o popular e a esfera literária se dá mediante a representação de torcedores nos espaços da bola. Para tanto, analisaremos dois contos de Fontanarrosa e um de Mempo Giardinelli.

Em “El ocho era Moacyr” (2005), Fontanarrosa narra um encontro de amigos no bar “El Cairo”, até o momento em que se incomodam com a presença de um indivíduo, aparentemente deslocado em meio à cena: “El que tiró la primera piedra fue Ricardo, apenas después de haberse ido el tipo. – Che... ¿quién es este coso?” (2005, p. 54). O termo “coso” aqui se coloca como masculino de “cosa” (“coisa”), isto é, a princípio o indivíduo não tem um nome, é uma coisa, algo que não carrega humanidade, é de outro “mundo”.

O conto trabalha o não reconhecimento do sujeito entre um grupo específico de torcedores. As marcas desse indivíduo silencioso surgem à medida que a desconfiança dos amigos reunidos no bar cresce. Pouco a pouco, constroem-no de acordo com as diferenças estabelecidas pela vestimenta, trejeitos e gestos: “lo veo muy fino”, “muy delicado”, “medio troló”, “de chaleco” (colete usado em trajes a rigor), “el tipo es serio, es educado, es un tipo correcto”, “muy fino, muy fino. Demasiado”. As características surgem na comparação da postura grupal em detrimento da postura elegante desse outro, formuladas ora por uma

masculinidade rudimentar, ora pelo aspecto elitista, determinando nesse primeiro momento um apelido que reflete os sintomas de estranhamento: “Sobrecojines” – literalmente, “sobre almofadas”. Uma série de traços não compartilhados coletivamente naquele ambiente esboçam as fraturas na composição da imagem do sujeito pelo grupo de torcedores.

O bar apresenta características definidas coletivamente pelo grupo que o-frequenta, tornando-se um espaço de interação interpessoal e de construção de sociabilidades voltadas para o popular, como esboça a reação irônica de Belmondo: “No se puede ser culto acá” (FONTANARROSA, 2005, p. 56). A diferenciação entre o grupo de amigos e “Sobrecojines” se esboça tanto pelos valores coletivos quanto pelos sentidos do espaço em que se encontram. Decorrente da primeira má impressão, a imagem de “Sobrecojines” é construída comocontraponto da imagem grupal, alteridade absoluta em relação aos integrantes do grupo, como um estrangeiro em meio à estética compartilhada e à ética dos freqüentadores do bar:

En verdad, vestía bien, o al menos demasiado formal para el nivel medio, y participaba poco de las conversaciones. Asentía, a veces metía algún bocadillo, sonreía a menudo, algo distante, mirando hacia la calle, arreglándose la corbata a cada rato (era cierto). Tomó notoriedade el día que pidió un whisky. “Blenders” dijo, con pronunciación cuidada y Moreira lo miró como si le hubiese pedido un plato asiático. “Mirá que vale casi un palo, macho”, le había advertido el mozo, cosa que al tipo pareció no inmutarlo. Y entre el sembradío de pocillos de café, vasos de agua, alguna taza de te o mate y servilletitas de papel arrugadas, el generoso vaso de whisky con hielo parecía un paquebote entrando a puerto rodeado de remolcadores diminutos y oscuros. (FONTANARROSA, 2005, p. 57)

O pouco limitado contato interpessoal é ainda assim um forte gerador de desconfianças e o motivador de um maior distanciamento, marcado por elementos que ganham múltiplos sentidos: a escolha da bebida ou a forma como “Sobrecojines” se expressa funcionam como um traço identitário incomum no espaço de “El Cairo”. O sujeito não se formula, não é reconhecido até que haja uma interseção de valores, gostos e afinidades com a subcultura local. O silêncio do personagem reflete uma superfície que é significada de um modo específico pelos amigos do grupo. Os olhares da coletividade carecem de elementos para o reconhecimento do indivíduo enquanto sujeito, destacando-o, individualizando-o como um corpo estranho.

Na sequência, a narração se concentra sobre o dia em que o grupo de torcedores discute sobre futebol, lembrando escalações da equipe Rosario Central. Durante o diálogo, surgem dúvidas sobre as posições, os números das camisas e os nomes dos jogadores e

nenhum deles chega a uma conclusão sobre quem usava a camisa 8 na formação de um determinado ano. Nesse momento, o personagem intervém de modo inesperado e sua fala provoca espanto entre os amigos: – no... – corrigiu “Sobrecojines” –. Domingo Pérez es anterior, es de la época de Pepillo, el nueve ese español que trajo River.” (FONTANARROSA, 2005, p. 60). A partir de então, trava-se um encontro provocado por uma afinidade comum. A conversa segue e a partilha identitária se consagra por intermédio do futebol. A paixão pela mesma equipe permite a abertura ao diálogo e ao compartilhamento de experiências passadas. Ela opera a partir da memória afetiva do grupo, da torcida e da equipe, provocando entusiasmo entre os personagens, ao lembrar de uma partida marcante no estádio do rival, Newel’s Old Boys: “Esse partido contra el Real Madrid! – se entusiasmó el hombre [“Sobrecojines”] –. En cancha de Ñul [Newel’s Old Boys].” (FONTANARROSA, 2005, p. 61). O entusiasmo do personagem diante da paixão pelo clube evidencia um ponto em comum com o grupo de amigos, quebrando as barreiras impostas pelos traços elitistas que provocaram o rechaço inicial.

Nesse sentido, o conto encerra, mostrando o reconhecimento de “Sobrecojines” enquanto sujeito, dando-se a conhecer pelo seu nome próprio “Rodolfo”. É na partilha da memória e da paixão torcedora que as trocas entre o grupo e o personagem possibilitam a interação plena entre as partes e o estreitamento dos laços:

Al día siguiente, cuando llegó el Colifa, Belmondo estaba hablando con el Zorro y también estaban el Pitufo, Pochi, Oscar, el otro Oscar, el Negro y el Chelo.
- No vino “Sobrecojines”? – preguntó el Colifa. Alguién contestó que no.
- Quién es “Sobrecojines”? – dijo el Chelo.
- Rodolfo. Rodolfo creo que se llama. No, no vino.
- Buen tipo esse – dijo el Pochi.
- Buen tipo. (FONTANARROSA, 2005, p. 61)

No conto “19 de diciembre de 1971” (2005), Fontanarrosa narra a história do “Viejo Casale” e de um grupo de *barra bravas* (torcida organizada argentina). Torcedores fanáticos do clube Rosário Central, o grupo organiza o sequestro do velho, a fim de que este, na condição de amuleto, possa assegurar a vitória do Central diante de seu maior rival, o Newell’s Old Boys. Ambas equipes têm sede na cidade de Rosario, protagonizando diversos embates entre torcidas organizadas na disputa territorial pelo reconhecimento do maior campeão. Enclausurado em casa por conta de complicações cardíacas decorrentes de um infarto em meio a uma partida de futebol, “Viejo Casale” é proibido pelo médico e pela família de frequentar os estádios.

O relato, narrado em primeira pessoa por um dos integrantes do grupo de sequestradores, trabalha as concepções da mística no futebol, descrita pelo termo “cábalas”, a esfera supersticiosa que compõe parte considerável da identidade de clubes argentinos – amuletos, gurus, heróis, vilões, rituais, símbolos. A história contada serve ao leitor como uma justificativa para as ações do grupo e, ao final, tem como desfecho a morte do velho Casale em pleno estádio:

Sí, yo sé que ahora hay quienes dicen que fuimos unos hijos de puta por lo que hicimos con el viejo Casale, yo sé. Nunca falta gente así. Pero ahora es fácil decirlo, ahora es fácil. Pero había que estar esos días en Rosario para entender el fato, mi viejo, que hablar al pedo ahora habla cualquiera. Yo no sé si vos te acordás lo que era Rosario en esos días anteriores al partido. [...]Desde semanas antes ya se venía hablando del partido y la ciudad era una caldera, porque eso era lo que era la ciudad! (FONTANARROSA, 2005, p. 66)

Diante de elementos regulados pela paixão clubista, o narrador se coloca na posição de traduzir o sentimento coletivo da torcida e as motivações para o sequestro. No âmbito do futebol, as cores das bandeiras dos “canallas”, torcedores do Rosário Central (amarelo e azul), e dos “leprosos”, torcedores do Newell’s Old Boys (vermelho e preto), pintam a cidade, ressignificando-a ora como espaço de conflito, ora como um espaço harmônico de festa. A identidade torcedora muito se adequa a um modelo autorreferencial, fechado em si mesmo, que leva ao reconhecimento dos aliados e dos inimigos, reproduzindo a atmosfera simbólica da guerra. A cidade torna-se “una caldera”, ressignificada pela ótica dos torcedores.

No conto, as duas equipes disputarão uma partida de semi-final de campeonato e, nesse evento, foram depositadas todas as esperanças da torcida rosarista. Para eles, não se tratava apenas de um jogo anterior à final; independente do clube que avançasse, as glórias da conquista dessa partida específica já alterariam as dinâmicas no espaço da cidade, gerando uma série de provocações entre as torcidas e a ascendência de uma sobre a outra.

O velho Casale surge então como essa figura mística que poderia ser decisiva, o elemento necessário para a articulação do real que garantiria as condições necessárias para que Rosário vencesse a partida:

el viejo había dicho que él nunca, pero nunca, lo había visto perder a Central contra Ñul [Newell’s Old Boys]. [...] Era un privilegiado el viejo y además, un talismán, querido, porque así como hay tipos mufa que te hacen perder partidos adonde vayan, hay otros que si vos los llevás es número puesto que tu equipo gana. No es joda. Y el viejo Casale era uno de éstos, de los ojetudos”. (FONTANARROSA, 2005, p. 70)

Nunca ao ter ido ao estádio, o velho presenciou uma derrota para o rival. Essa constatação pelo grupo de torcedores levou à seguinte conclusão: “este viejo tiene que estar en el Monumental contra Ñubel. No puede ser de otra forma. Tiene que estar” (p. 70). Os presságios identificados pelos amigos *barra bravas* sinalizavam a iminente vitória da equipe. As lógicas operadas pela “razão torcedora” funcionam através de uma mística, quase religiosa, indicando uma supervalorização das experiências vividas nos círculos mais próximos aos sujeitos. Como sinaliza Michel Maffesoli:

O desenvolvimento vertiginoso das grandes metrópoles (megalópoles, seria correto dizer), que nos anunciam os demógrafos, pode somente favorecer essa criação de ‘aldeias na cidade’, para parafrasear um título famoso. O sonho de Alphonse Alais realizou-se. As grandes cidades transformaram-se em campos onde os bairros, os guetos, as paróquias, os territórios e as diversas tribos que as habitam substituíram as aldeias, lugarejos, comunas e cantões de antigamente. Mas, como sempre, é necessário reunir-se em torno de uma imagem tutelar. O santo patrono venerado e celebrado será substituído pelo guru, pela celebridade local, pela equipe de futebol ou pela seita de modestas dimensões. (MAFFESOLI, 1998, p. 61-62)

O clube desempenha essa função tutelar da qual fala Maffesoli na medida que reúne indivíduos que podem experimentar as mesmas sensações, o mesmo sentimento, sentindo-se ligados uns dos outros, partilhando conquistas, valores e costumes comuns, construindo a versão de um “nós” que permite a identificação com o próximo. A construção da torcida significa também a construção de uma identidade que opera no cotidiano da vida da/na cidade. A história comum à torcida atua em conjunto com a história individual do torcedor que vai ao estádio e acompanha todos os passos do time, participando ativamente de suas conquistas:

El Colorado nos habló de los grandes ideales, de nuestra misión frente a la sociedad, de nuestro deber frente a las generaciones posteriores, los pendejos. Nos dijo que si ese partido se perdía, miles y miles de pendejos iban a sufrir las consecuencias. Que para nosotros, y eso era verdad, iba a ser muy duro, pero que nosotros ya estábamos jugados, que habíamos tenido lo nuestro y que, de últimas, teníamos experiencia en malos ratos y fullerías. Pero los pibes, los pendejitos de Central, éstos, iban a tener de por vida una marca en sus vidas que los iba a marcar para siempre, como un fierro caliente. Que las cargadas que iban a recibir esos pibes, esas criaturas, en la escuela, los iban a destrozar, les iban a pudrir el bocho para siempre, iban a ser una o dos generaciones de tipos hecho bolsa, disminuidos ante los leprosos, temerosos de salir a la calle o mostrarse en público. Y eso es verdad, hermano, porque yo me acuerdo lo que eran las cargadas en la escuela primaria, sobre todo. (FONTANARROSA, 2005, p. 74)

A radicalização da experiência do torcedor, no conto, aparece marcada por uma preocupação que não se limita ao futebol, mas se expande ao campo social. A problemática geracional e as provocações na escola compõem um cenário que coloca o grupo de amigos na condição de salvadores da “pátria” rosarista. A constituição do imaginário de torcedores se faz toda a partir dos significados simbólicos tecidos nas tramas sentimentais do clube e de sua rede de apaixonados. Todos esses sentidos estão presentes na vida cotidiana e potencializam a imaginação de sujeitos que se sentem responsáveis por uma “causa” justa e coletiva. Nesse sentido, eles se veem como agentes de um processo maior, orientados não só pela paixão, mas por todas as repercussões que uma simples partida de futebol pode gerar no meio social. Como disse Drummond: “O torcedor, na sua impotência, «joga» ainda mais que o jogador, e como não tem bola alguma à sua frente, precisa socorrer-se de um esforço de imaginação de que Paulinho [o jogador] está dispensado” (2014, p. 28).

Realizado o sequestro, todos seguem até o estádio e desfrutam da partida em sua totalidade, expressando o entusiasmo coletivo. Durante a partida, o estado de euforia do velho preocupa os integrantes do grupo, temendo as consequências de seu ato. Ao final da partida, o Rosário Central sai-se vencedor e o “Viejo Casale” tem seu fim emblemático, representado por uma morte especial, digna de um torcedor rosarista. Uma morte “canalla”, reforçando os traços identitários que compõem e sustentam a mística de uma torcida: “Así, se tenía que morir, que hasta lo envidio, hermano, te juro, lo envidio! Porque si uno pudiera elegir la manera de morir, yo elijo ésa, Hermano! Yo elijo ésa. (FONTANARROSA, 2005, p. 83)

Mempo Giardinelli, em “El hincha” (2008), conta a história de um torcedor solitário, Amaro Fuentes, fiel à paixão pelo pequeno Club Atlético Vélez Sarsfield. Seu amor pela camisa azul e branca constrói-se a partir da herança paterna – “Amaro estaba seguro de haber aprendido a pronunciar ese nombre [Velez] casi simultáneamente con la palabra «papá»” (2008, p. 187) e dos relacionamentos no bairro da cidade de Ramos Mejía, que integra a Província de Buenos Aires, “cuando todo Ramos era adicto al entonces Club Atlético Vélez Sarsfield” (GIARDINELLI, 2008, p. 187).

Ex-jogador amador do clube do coração, Amaro se vê obrigado a aposentar-se do futebol ainda jovem, quando perde o pai, justo momento em que debutaria na primeira divisão como jogador profissional:

tuvo que empezar a trabajar y se enroló como grumete en los barcos de la flota Mihanovich y dejó de jugar, con esse dolor en el alma que nunca se le fue, aunque

siempre conservó en su valija la camiseta con el número nueve en la espalda, viajara donde viajara, por muchos años [...]. (GIARDINELLI, 2008, p. 188)

Em uma de suas viagens, a embarcação para em Puerto Barranqueras durante a rota Buenos Aires-Ciudad de Asunción, e Amaro, promovido a primeiro comissário de bordo, decide instalar-se nas imediações do porto na cidade de Resistencia, localizada na Província do Chaco, exercendo a função de carteiro no correio local: “miró largamente esa camiseta, como despidiéndose de un muerto querido y decidió no seguir viaje” (GIARDINELLI, 2008, p. 188).

O apelo emocional do personagem à imagem do pai e ao território de Ramos Mejía se manifesta também no apreço pela camisa do clube. Ele não se despede do time, mas de seu pai falecido e do bairro onde morava. O encontro de símbolos dá ao leitor as informações sobre os elementos que constituem o quadro afetivo do personagem, que, em outro solo, passa a experienciar a dor desde uma outra perspectiva: “desde entonces, cada domingo implicó, para él, la obligación de seguir la campaña velezana” (GIARDINELLI, 2008, p. 189). O reflexo da obsessão pelo clube, desde uma localidade mais distante, postula-se quase como uma dívida pessoal que tem por objetivo manter viva a herança deixada pelo pai, assim como sua memória. O desenraizamento geográfico de Amaro não rompe os limites da subjetividade; ao contrário, reafirmam ainda mais seus valores como torcedor do Vélez. Vale mencionar que Giardinelli, desde a dedicatória, coloca em evidência a homenagem ao vínculo entre pai e filho: “A la memoria de mi padre, que murió sin ver campeón a Vélez Sarsfield” (GIARDINELLI, 2008, p. 187).

Em Resistencia, a maioria das pessoas torciam para Boca Juniors ou pelo River Plate, grandes campeões nacionais. Durante toda a sua vida na cidade, Amaro suportou as provocações e brincadeiras feitas pelos amigos, acostumados a vencer: “Che, Amaro, ¿por qué no te hacés hincha de Boca, eh?” (GIARDINELLI, 2008, p. 190), diz um deles em tom de piada. Fiel à paixão, Amaro mantém sua posição e segue solitário em meio ao ambiente repleto de torcedores de equipes vitoriosas, cultivando angústias e insucessos seguidos.

Ainda que houvesse um cenário inóspito para um torcedor veleziano, o companheirismo local era um fator preponderante nas relações entre as pessoas da cidade, ao reunirem-se no Bar La Estrella e ao reconhecerem os infortúnios de Amaro enquanto torcedor: “Rodríguez [chefe dos correios], hincha de Boca y hombre acostumbrado a saborear

triumfos, se condeolió de Amaro y le concedió una semana de vacaciones para que viajara a Buenos Aires a ver la final del campeonato de primera B” (GIARDINELLI, 2008, p. 192).

Depois de anos sem pisar na capital, quando chega ao bairro de Liniers onde nasceu, Amaro se depara com uma outra cidade, “casi desconocida, ensanchada, más alta, más cosmopolita que nunca y casi perdida aquella forma provinciana de los años veinte” (GIARDINELLI, 2008, p. 192). O descompasso do personagem e o espaço onde foi criado são demonstradas no desenvolvimento do aspecto urbano da cidade de Buenos Aires, marcando um descompasso temporal com as experiências que o sujeito traz do passado. A constante, entretanto, na relação entre o sujeito e o território mantinha-se pela presença do clube no cotidiano dos torcedores do bairro.

Vélez ganha a partida e ascende à primeira divisão do futebol argentino. Amaro regressa à cidade da Resistencia, emocionado com a conquista, e ganha notoriedade entre os companheiros:

Desde entonces, cada domingo, Amaro se transportaba imaginariamente a Buenos Aires, era un hombre más en la hinchada, revivía la tarde del triunfo, se acordaba del pibe García y lo veía dominar la pelota, hacer fintas y acercarse a la valla adversaria. Y todas las tardes, en La Estrella, cada vez que se discutía sobre fútbol Amaro recordaba [...]. (GIARDINELLI, 2008, p. 194)

O deslocamento físico proporcionou uma identificação coletiva com os velezianos de Liniers. Assim, quando Amaro regressa, a memória recente das experiências no bairro possibilita um encontro afetivo provocado pela imaginação. Por um breve momento, o personagem pôde se sentir novamente como uma das partes do corpo homogêneo que constitui a torcida, trocando provocações com os amigos de Resistencia durante os encontros posteriores no bar Estrella.

Os anos se passaram e o Vélez mantinha-se na primeira divisão, ainda que sem um título. Aposentado, “Amaro Fuentes se convirtió en un perfecto solitario, aferrado a una sola ilusión y como desprendido del mundo” (GIARDINELLI, 2008, p. 194). A vida monótona e vazia tinha como elemento suplementar a paixão pelo clube. A equipe torna-se a referência de mundo, como foi o pai e o já desfeito bairro de infância. Em 1968, Vélez se consagra campeão na primeira divisão do futebol argentino e Amaro teve a oportunidade sua única de glória, ao sentir-se vitorioso como torcedor veleziano, expressando a alegria com a conquista para todos de seu entorno em Resistencia:

Dio la tan jurada vuelta olímpica alrededor de la mesa, corrió hacia el ropero, eligió la corbata con los colores de Vélez y su mejor traje y salió a la calle, harto de ver todos los años, para esa época, las caravanas de hinchas de los cuadros grandes, que recorrían la ciudad en automóviles, cantando, tocando bocinas y agitando banderas. (GIARDINELLI, 2008, p. 196)

Ao sair às ruas, todos os amigos aplaudem o entusiasmo de Amaro, uma partilha maior que se experiencia desde a afetividade de um grupo de amigos próximos, ainda que torcedores de outras equipes. A rede de afetos proporciona a mescla identitária entre torcidas. Nem Boca, nem River; Vélez sai campeão e os indivíduos partilham a vitória do clube através da emoção do torcedor solitário: “hasta alguno gritó viva Vélez carajo y Amaro ya no pudo contenerse y pidió al chofer que lo llevaba hasta su casa” (GIARDINELLI, 2008, p. 197-198). Logo após, o personagem de volta à casa se vê diante da iminência de uma síncope provocada pelo entusiasmo. O reconhecimento dos amigos e o título de campeão aguçam a emoção do personagem. Consumada a vitória, o fim último a que o Vélez podia chegar, conforme o desejo de Amaro, consuma-se também a vida do torcedor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Pesquisa e seleção de textos : Luis Maurício Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y polo em la Argentina*. Trad. Alejandra Giaccone e Maria Isabel Domínguez. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, org. e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FONTANARROSA, Roberto. “19 de diciembre de 1971”. In: *Puro fútbol*. 8ª ed. Buenos Aires: Ediciones de la flor, 2005. Pgs. 66-83.

_____. “El ocho era Moacyr”. In: *Puro fútbol*. 8ª ed. Buenos Aires: Ediciones de la flor, 2005. Pgs. 54-61.

FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. *El fútbol a sol y sombra*. 2ª ed. México: Siglo Veintiuno, 1995.

GIARDINELLI, Mempo. “El hincha”. In: APO, Alejandro. *Y el fútbol contó un cuento*. 1ª ed. 4ª reimpressão. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2008.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.